

Breve diálogo com estudantes de Pedagogia

Maria Josenita Viana¹

Resumo: Maria Josenita Viana discute com estudantes de Pedagogia a realidade educacional das escolas públicas brasileiras.

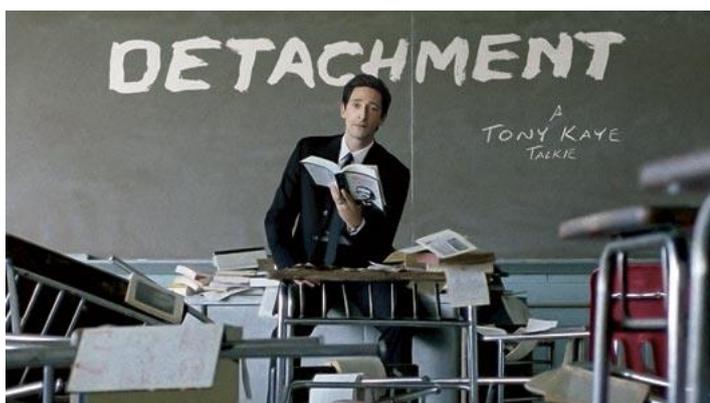
Palavras Chave: Escola pública; ensino; profissãodocente.

Abstract: Maria Josenita Viana discusses with students of Pedagogy the real situation of Brazilian public school.

Keywords: Public School. Brazil; teaching.

Introdução

Eu sou professora de História de Ens. Fundamental II que optei por ficar numa mesma escola por mais de 15 anos, trabalhando diretamente com os jovens adolescentes. Muitos deles são oriundos de comunidades que vivem em região de altos índices de insegurança ou são de famílias de trabalhadores migrantes da zona norte da cidade. A minha jornada como professora é trabalhar de manhã nesta escola e à tarde em uma outra escola pública. Nestes últimos tempos, tenho me interessado pela formação dos nossos futuros professores. Numa conversa de corredor com uma colega que leciona numa faculdade de Pedagogia da região da Lapa, expus minha preocupação sobre a formação de professores. Então sugeri a ela um filme para as suas alunas e coloquei o meu desejo de saber o que essas jovens do 1º ano do curso achariam de “O Substituto”.



Filme: O Substituto (Detachment, 2011)

Direção: Tony Kaye; Roteiro: Carl Lund; Gênero: Drama; Origem: Estados Unidos; Duração: 97 minutos; Elenco: Adrien Brody, Christina Hendricks, Marcia Gay Harden

¹. Professora concursada de Ensino Fundamental II e Ensino Médio das redes municipal e estadual de São Paulo. Leciona na Emefm Vereador Antônio Sampaio. Formada em licenciatura plena em História e Pedagogia, bacharel em Direito, especialização em História pela UNICAMP.

Henry Barthes (Adrien Brody) é professor de liceu e possui um talento nato para criar empatia com jovens. Porém, decidido a não criar vínculos com nenhum, optou por uma carreira de substituição, orientando, por curtos períodos, turmas que por um motivo ou outro ficaram sem docente. Até ao dia em que é colocado numa problemática escola pública, onde o corpo de professores se debate com adolescentes desmotivados e violentos.

A minha colega transformou essa minha curiosidade numa aula de Sociologia da Educação. Depois de todos assistirem ao filme, ela elaborou uma tarefa: algumas perguntas pertinentes à trama da história narrada, à Sociologia, ao papel da Educação escolar e uma proposta, em formato de carta, foi lançada por ela aos seus estudantes:

Por que será que a Profª Jô (Josenita) fez questão de que os futuros educadores conhecessem esse filme? Por que era imprescindível que você o assistisse? Que sentimentos ela teve ao escolher essa película para você? Será que haveria uma mensagem dela a você por trás desse convite? Qual seria? Gostaria que você imaginasse esta professora e respondesse a estas questões.

Respondi às cartas das alunas de minha colega, em primeiro lugar agradecendo pela receptividade, pelo carinho ao retornarem a minha pequena provocação em forma de cartas. Ao lê-las, recebi um sopro de esperança. Sim, ainda existem pessoas realmente preocupadas com a educação. Percebi o desejo de vocês em se comprometerem com este processo rico e desafiador que é ensinar.

Cartas da alunas (excertos – mantivemos a grafia original)

“Primeiramente queria dizer que o filme foi uma ótima escolha, pois nos mostra fatos que muitas vezes passam despercebidos por todos, até mesmo para aqueles que estão ao nosso redor. O fator que mais chama atenção é que nos mostra a realidade que professores passam em escolas de todo o mundo”.

“Com certeza a principal razão para a professora Jô querer passar esse vídeo para nós foi para nos dizer que os problemas pessoais não podem interferir na nossa vida profissional e que apesar de todos os problemas que teremos na nossa vida profissional.”

“A mensagem que a professora Jô através do filme me passou é que apesar das circunstâncias, na escola o professor

tem força de vontade e dá o seu melhor. Não desiste apesar de ser apenas um substituto que a missão que deram para ele é não deixar que aqueles jovens se matassem”.

“Esse filme também nos mostra uma lição profissional porque apesar de o professor ter tido uma infância trágica não levou isso para a sala de aula”.

“Não podemos desistir jamais dos nossos sonhos e nem desacreditar dos alunos que sofrem algum tipo de problemas sejam estes distúrbios, má educação em casa. Se todos nos cumprirmos o nosso papel, com certeza teremos um mundo e uma educação muito melhor!”

“Ser professor é dar o melhor de si, se esforçar ao máximo, apesar das dificuldades e problemas que passamos no nosso ambiente escolar, não podemos desistir e devemos passar aos nossos alunos como ser um cidadão melhor”.

“Sempre gostei de crianças e desde pequena brincava de ser professora, usava saltos, colares e roupas da minha mãe e tinha várias pastas com papéis e meus alunos eram minhas bonecas. Quando estava no colégio no 9º ano comecei a fazer projeto social, com crianças de orfanato e comunidade, e isso me encontrou de alguma forma e me deu a certeza que queria passar o resto de minha vida com crianças, pintando, ensinando, lendo. Desde aí escolhi ser professora, percebi que existem muitas crianças no Brasil que precisam de alguém para ensinar e acima de tudo dar carinho a elas”.

“Eu gostei muito do filme e acho que me serviu bastante. Graças a Deus não me fez mudar nada da minha opinião de ser pedagoga. Acho que vou passar por muitas dificuldades, mas nem por isso quero desistir!”

“Quando digo um professor de verdade, quero dizer um professor que se preocupa com os alunos e que vai pra casa pensando no problema que sua aluna tem com a família, ou que um aluno não está assimilando a matéria direito e “se mata” para conseguir um recurso para tal aluno que tem dificuldade na visão, na audição, etc...”

“Não tenho a ilusão de acreditar que posso “mudar o mundo” ou as pessoas. Eu penso que a educação é uma das possibilidades de mudar alguma coisa, mas não depende só dela. E tenho consciência de que os problemas apresentado no filme são maiores e mais complexos. Não sou pessimista a ponto de desistir do curso de Pedagogia, mas não pretendo “trilhar nos caminhos das escolas públicas”.

“Obrigada pela dica do filme e por me fazer enxergar o que eu realmente quero para a minha vida”.

Resposta às alunas sobre o filme: “O Substituto”.

(depois do agradecimento inicial, acima citado...)

Acho fundamental, contar um pouco de minha história para que vocês compreendam a minha real intenção ao indicar o filme “O Substituto”.

A minha história profissional começa quando no 2º ano de História comecei a lecionar História no Estado de São Paulo, na cidade Arujá, morando e estudando em Guarulhos. Posso afirmar que ali foi a minha verdadeira “escola”: eu era então uma menina, cheia de sonhos ideais que defendia a liberdade, era contra as regras de obediência e compreendia a escola como um local alienador incapaz de produzir pessoas pensantes.

Era fundamental desenvolver a dúvida, estimular o questionamento e a indignação em relação à realidade, isto nos anos de 1986/87... (muitas de vocês não eram nem nascidas nesse tempo). Eu possuía a prepotência própria da juventude, acreditando ser capaz de mudar e transformar o sistema educacional, capaz de mudar a realidade dos alunos e da escola, do país, me sentia extremamente invencível e insubstituível.

Em um mês de aula, os alunos foram mostrando o quanto os meus ideais e as minhas boas intenções não lhes serviam de nada e, paulatinamente, foram me indicando o caminho, a dosagem, me aproximando e me afastando quando necessário. Fiz nestes longos anos vários projetos que só foram possíveis porque meus alunos acreditaram nas minhas “loucuras” e embarcavam no sonho e realizavam. Se há no processo de ensino-aprendizagem algo que pode ser o diferenciador é a “arte”, pois ela liberta a alma; acredito na liberdade, na alegria de viver, e é na arte que os alunos encontram este espaço, seja no teatro, na dança, pintura, desenhando..., os jovens devem e querem se expressar e é fundamental que o professor saiba distinguir o que é ouvir de escutar, é uma condição *sine qua non* decidir entre essência/aparência; ter/ser.

Quando digo *sine qua non*, isso significa que é uma condição essencial ir além da aparência sair do lugar comum que insiste em propagar que educar é como missão, salvar alunos carentes, que os “pobres” alunos não possuem conhecimento. Enfim, é uma condição essencial na nossa profissão não ter tantas certezas, verdades preconceituosas, fracassos presumidos. É essencial escutar realmente os alunos, e não a mídia, percebê-los pelas entrelinhas, pelo que não foi dito, mas expresso na sua postura corporal, nos seus desenhos, no seu olhar...

A sala de aula é extremamente rica, e aprendemos todos os dias quando nos esvaziamos das certezas e passamos a compartilhar afetivamente o conhecimento; compartilhamento que pressupõe vínculo emocional, compromisso e não apenas informação. O conhecimento está vinculado ao encontro, à construção de uma relação, de envolvimento onde há o diálogo, que nem sempre é fácil, pois, envolve o contraditório, requer tolerância, humildade e a capacidade de recomeçar todos os dias.

Quando sugeri o filme para vocês foi com o intuito de dizer que a escola – em que todos são invisíveis – necessita de reformulações. A aluna Gabriele está certa ao me escrever afirmando que o filme é pesado ao tratar do cotidiano escolar, porém esta película está mais próxima da realidade do que vários filmes que transformam a educação em “missão”, o professor em herói e, portanto, mártir, que tem como destino sofrer, receber pouco etc. para no final ser o herói que salva o aluno ou fica na memória como aquele que faz a diferença.

Na realidade a escola é uma instituição com uma função bem definida dentro do sistema do Estado, a o que nos leva a grande questão: “Será que realmente sabemos qual é a nossa função”?

Várias de vocês se colocam como futuras “educadoras”, mas o que é ser um educador? O que é ser um professor? O que é ser um bom professor? Qual o problema em se definir como professor? Será que com a atual estrutura podemos querer arcar com o status de “educador”, quando nem professor, conseguimos ser?

No “O Substituto” percebemos que o professor principal não quer vínculos, não quer ser herói, está apenas de passagem, conhece a dor dos alunos, e por não estar preocupado em solucionar nada, consegue conviver com os conflitos, diários sem cobrança nem vitimização ou, o que seria pior, tendo ódio ou inveja dos alunos, como se eles fossem responsáveis por este sistema falido, quando na realidade são apenas vítimas lançadas a própria sorte.

Hoje a escola pública possui uma demanda emergencial que requer “professores” com objetivos claros. Professores que busquem através do dialogo o rigor do conhecimento, que não se contentem com um “talvez” ou um “não”, mas que saibam transformar o seu dia a dia, que ao olharem para os alunos percebam sua essência e seu real potencial, que não se deixam iludir pelas aparências. A sala de aula é rica de experiências e é possível experimentá-las quando temos claro qual a nossa função, menos certezas, quando permitimos escutar o que não foi dito, enxergar o que não está visível.

Gostaria que vocês tivessem orgulho de serem professoras, que lutassem por esta carreira e que nunca se menosprezem por serem “professoras” e nem comesçassem o ano já pensando no final, ou quanto tempo falta para a aposentadoria, para acabar o ano, etc.

É essencial amar a profissão e, não se levar tão a sério, e acima de tudo ter humor, afetividade, ética para interagir com a demanda diária. Só assim vale apenas ser professor, professar o conhecimento, alimentar o diálogo, semear o amanhã...

Por que o amanhã?

Porque a educação não conjuga o agora, ela necessita maturar, reflexão, calma, respirar, o professor inicia um processo que não tem fim; o aluno não é produto, não é coisa, ele interfere no processo, toma decisões, escolhe o que aprender e até o que não aprender por rebeldia, inércia, não importa... A escolha não é da escola nem dos professores por isto que educar é um grande desafio é também admitir que não dominamos todo o processo.

No filme, ficam claras as frustrações e expectativas dos professores e até de alguns alunos, porém o professor substituto sabe que está de passagem e tem muito pouco a contribuir, pois não tem como meta criar vínculos. Espero que vocês queiram criar vínculos... Educação sem vínculo não é educação.

Obrigada por cada carta que me mandaram. Espero poder contribuir um pouco nas suas reflexões. Que vocês se tornem ótimos professores, educar é outra condição!

Recebido para publicação em 12-01-14; aceito em 15-02-14